

## Representações do feminino em “Esses Lopes”, de Guimarães Rosa, e “Uma rosa para Emily”, de William Faulkner

JOSÉ VILIAN MANGUEIRA

Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor de Literatura Anglo-americana na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e da Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).  
e-mail: vilian\_mangueira@yahoo.com.

FRANCISCO RONALDO DA SILVA SANTOS

Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).  
e-mail: ronaldosantos\_cool@hotmail.com

Há muito tempo as personagens femininas detêm espaço privilegiado na literatura mundial, mesmo que suas vozes tenham sido veladas por séculos, graças à dominação do masculino como criadores das obras artísticas. Ao longo da História, a representação da mulher tornou-se importante objeto de análise social, histórica e literária, principalmente depois do surgimento da crítica feminista nos anos 70 (cf. Zolin, 2009). A partir de então, muito se tem discutido sobre o espaço social da mulher apresentado através da literatura.

Neste artigo, iremos analisar os contos “Esses Lopes” (publicado em 1967 na coletânea *Tutaméia: terceiras histórias*), de João Guimarães Rosa, e “Uma Rosa para Emily”, de William Faulkner (publicado em 1930 pela revista americana *Forum Magazine*), a partir do olhar da crítica feminista, apoiando-nos principalmente em Zolin (2009). Para tanto, focaremos em cada obra individualmente para, mais tarde, confrontarmos as narrativas a fim de discutirmos seus pontos de convergência e divergência no processo de empoderamento das protagonistas.

Em “Esses Lopes”, a narradora-personagem, de nome Flausina, conta sua trajetória de casamentos infelizes e o percurso de sua ascensão financeira e social. O relato enfatiza que em sua juventude a personagem é destruída pelo casamento com Zé Lopes, o primeiro marido, sujeito rico que, numa relação de poder desigual, trata a mulher como mero objeto sexual. Desta união nasce um filho, acompanhado de outras conquistas como a confiança do marido e a posse das escrituras – aos olhos da narradora, suas maiores vitórias. Zé Lopes morre, graças às sementes que a mulher põe em sua cachaça e café. Depois disso, dois outros homens da família Lopes – um irmão e um primo do falecido – demonstram interesse pela viúva. Sertório é o parente com quem Flausina firma relacionamento formalizado e com quem tem dois filhos. Do mesmo modo como ocorre no pri-

meiro casamento, Flausina cuida de sugar do marido suas riquezas. Nicão é o outro pretendente da “raça” para quem a mulher “sorria debruçada em janela, no bico do beijo, negociável” (Rosa, 1979, p. 57). Entre Sertório e Nicão a figura feminina atua no sentido de instigar um espírito de desconfiança, arquitetando um conflito, o que acaba por culminar na morte de ambos. Mais tarde, Sorocabano, o mais velho e também o mais rico da família, se encanta pela viúva e eles logo se casam. Para se livrar do marido, a ex-viúva “dava a ele gordas, temperadas comidas, e sem descanso agradadas horas” (Rosa, 1979, p. 56), até que o homem morre, deixando para ela todos os bens. Livre dos Lopes e rica, ela torna-se uma mulher independente e dona do seu destino, encontrando, finalmente, seu verdadeiro amor.

A protagonista de “Esses Lopes” demonstra durante toda a narrativa agir com esperteza em seus relacionamentos com os Lopes. Graças a sua astúcia, ela consegue mudar sua condição financeira e social, consolidando-se como mulher respeitada e bem sucedida diante de toda a sociedade que, outrora, poderia lhe julgar mal graças aos sucessivos relacionamentos que teve em uma época em que esse comportamento não era aceitável. Dessa forma, a personagem consegue burlar o sistema patriarcal<sup>1</sup>, mostrando-se submissa, quando, na verdade, essa atitude serve para esconder suas reais intenções.

Segundo o exposto na narrativa, o fato de os Lopes terem vindo “de outra ribeira, tudo adquiriam ou tomavam; não fosse Deus, e até hoje mandavam aqui” (Rosa, 1979, p. 82), parece ser um forte motivo de vingança da protagonista, porém, os interesses financeiros superam esse argumento. A concordância em casar-se com Zé comprova sua ganância: “Eu queria enxoval, ao menos, feito pelas outras, ilusão de noivado” (Rosa, 1979, p. 82). Esperando conforto, Flausina se depara com uma situação completamente diferente. O homem a mantinha em casa, moldando para ela as obrigações femininas impostas pelo patriarcado, como ser dona de casa, procriar, cuidar dos filhos e proporcionar prazer ao masculino. Nesta perspectiva, “a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação” (Zolin, 2009, p. 218). Ao ligar-se ao primeiro marido, esperando comodidade e luxo de um enxoval feito por outras mulheres e a realização do casamento, desengana-se ao perceber que a vida que levará não será a que sonhou, principalmente ao deparar-se com a relação fortemente sexual que lhe é imposta: “O homem me pegou com quentes mãos e curtos braços, me levou para casa, para a cama dele” (Rosa, 1979, p. 82).

Deparando-se com a relação de sujeição que lhe foi conferida, a protagonista passa a agir por conta própria e de forma velada para alcançar seus objetivos que foram abafados pelo masculino. É nesse momento que ela arquiteta seu plano de ascensão, propositalmente contido, uma vez que sua condição de mulher não lhe permitia altivez aparente. Esta astúcia da protagonista é expressa várias vezes na narrativa, como exemplificam os trechos seguintes: “A gente tem é de ser miúda, mansa, feito botão de flor” (Rosa, 1979, p. 82); “mais aprendi lição de ter juízo. Calei muitos prantos. Agüentei aquele caso corporal” (Rosa, 1979, p. 82); “Falei, quando dinheiro me deu, afetando ser bondoso: – ‘Eu tinha três vinténs, agora tenho quatro...’ Contentado ele ficou, não sabia que eu estava abrindo e medindo” (Rosa, 1979, p. 82). Enquanto isso, Zé Lopes de nada desconfiava,

---

<sup>1</sup> Na teoria feminista, o patriarcalismo é definido como o controle e a *repressão* da mulher pela sociedade masculina e parece constituir a forma histórica mais importante da divisão e *opressão* social (Bonnici, 2007, p. 198).

já que nenhuma ameaça era demonstrada à sua posição de dominante, graças ao caráter de inocência simulado por Flausina.

Nesse processo de aquisição de poder, algumas conquistas simbólicas foram importantes para o empoderamento de Flausina: o letramento, a liberdade e o filho. O analfabetismo era uma condição que a colocava em situação de desvantagem intelectual em relação a Zé Lopes; por isso, iniciou-se nessa tarefa de conquista da palavra escrita: “Traçei as letras. Carecia de ter o bom ler e escrever, conforme escondida. Isso principiei – minha ajuda em jornais de embrulhar e mais com as crianças da escola” (Rosa, 1979, p. 83). Esse conhecimento deu-lhe a possibilidade de ter acesso a documentos, informar-se etc., o que foi de grande ajuda, por exemplo, para que conseguisse passar para seu nome as escrituras do homem: “O que podendo, dele tudo eu para mim regravava. Mealhava. Fazia portar escrituras. Sem acautelar, ele me enriquecia” (Rosa, 1979, p. 83). Dessa forma, ela busca, primeiramente, um poder simbólico que não pode ser identificado pelo masculino, para inverter a sua posição de subalterna.

Tendo praticamente todo o domínio das posses financeiras do companheiro, faltava livrar-se da negra posta para vigiá-la. A liberdade de não estar sob olhos opressores era essencial na consolidação de seu plano contra Zé, desarmando o marido da ação de guarda que Si-Ana representava. Para isso, a esposa levantou “o falso alegado: que ela alcovitava eu cedesse vezes carnavais a outro” (Rosa, 1979, p. 83). Essa articulação com o imaginário do marido – sugerindo uma situação que o rebaixaria de seu posto de possessor – demonstra a consciência que Flausina tinha das posições de poder que ocupavam homens e mulheres dentro da sociedade patriarcal da narrativa, por isso sua manipulação se mostra tão eficiente.

Outro fato importante para a conquista da confiança de Zé Lopes foi o nascimento do filho do casal, que, segundo o discurso da narradora, parece ser rejeitado por ela própria: “Mais, enfim que o filho **dele** nasceu” (Rosa, 1979, p. 83, grifo nosso). Importante pensar que esse filho surge como maior símbolo daquele relacionamento, já que não eram casados, fortalecendo a confiança do marido: “Agora já tinha em mim a confiança toda, quase” (Rosa, 1979, p. 83). Dessa forma, é oferecido ao homem tudo o que era esperado de um relacionamento marital: a mulher tomando conta da casa, criando o filho e servindo o marido com o prazer sexual.

Sem ser vigiada, a protagonista podia concluir seu projeto de vingança contra Zé Lopes, o que aconteceu graças às sementes que ela punha na comida do homem, levando-o lentamente à morte, burlando o sistema patriarcal, sem chamar atenção para seus atos subversivos. Em nenhum momento do processo de empoderamento de Flausina nessa primeira relação ela demonstra qualquer postura de superioridade, isso porque ela utiliza do estereótipo de submissão e ingenuidade feminina para poder alcançar sua finalidade.

Com a morte de Zé Lopes, outros dois homens da família se interessam por ela: Nicão e Sertório. A sujeição a eles acontece de forma fácil e rápida – “mexi em vão por me soltar, dessas minhas pintadas feras” (Rosa, 1979, p. 83): esse trecho demonstra uma falsa impotência de Flausina em relação a eles, tentando evidenciar fraqueza dela em relação aos homens como motivo para ceder a eles. A submissão da protagonista não acontece mais a partir da imagem de ingenuidade e inocência, como no primeiro relacionamento; agora, a sujeição acontece a partir do sexo – “inda antes do sétimo dia já entrava em mim a dentro em casa” (Rosa, 1979, p. 84).

O comportamento de passividade e a maternidade são, mais uma vez, usados como recurso para ganhar a confiança do companheiro. Os “anos, que me foram, de gentil sujeição, custoso que nem guardar chuva em cabaça, picar fininho a couve” (ROSA, 1979, p. 84), serviram para criar estabilidade ao relacionamento, que ficou ainda mais firme com a chegada dos filhos, que, mais uma vez, são classificados como sendo apenas do homem, excluindo-a de qualquer responsabilidade ou sentimento em relação a eles: “Ao Sertório dei mesmo dois filhos?” (Rosa, 1979, p. 84). Bem como aconteceu durante o relacionamento conjugal com Zé, a maternidade deu ainda mais confiança ao homem para que ela pudesse apanhar seus bens: “Total, o quanto que era dele, cobreí, passando ligeiro para minhas posses; até honra” (Rosa, 1979, p. 84). Esse trecho revela, também, uma possível infidelidade, graças à honra que ela diz ter roubado, como pela interrogação quanto à quantidade de filhos que pertence a Sertório. Dessa forma, a maternidade deixa de ser um ideal para o feminino e passa a servir como artifício para o empoderamento da mulher.

O sexo nesse segundo relacionamento, diferentemente do primeiro, não é tido como obrigação, e sim como arma. Flausina utiliza-se da sensualidade para conseguir prender os homens a si, permitindo-nos, agora, atribuir a ela a figura de mulher fatal, que, segundo Faria, “é aquela que acarreta a ruína do homem, após seduzi-lo de maneira premeditada e irresistível. De mulher-objeto e passiva, ela se transforma dentro da literatura em ser diabólico e cruel” (1989, p. 223). A personagem parecer ter ganhado maturidade, principalmente no que se refere ao conhecimento do próprio corpo e de suas habilidades femininas, inclusive conquistando certa independência sexual através do contato íntimo: “Experimentei finuras novas, somente em jardim de mim, sozinha” (Rosa, 1979, p. 84). Mais uma vez, o feminino inverte o papel que lhe é reservado pelo sistema patriarcal quando ela se torna sexualmente ativa e conhecedora de seu próprio corpo, negando-se ao estigma de mulher-objeto e impondo-se como mulher-sujeito<sup>2</sup>.

Tendo para si tudo o que Sertório podia oferecer, Flausina arquiteta o plano para se livrar dele. Para isso, ela utiliza-se da sua sensualidade e encantamento para promover o confronto que deu fim ao companheiro e a Nicão, o outro Lopes, que “a casa rodeava” (Rosa, 1979, p. 84), esperando o momento para também possuí-la. Esse duelo foi planejado levando em consideração o conhecimento que ela tinha sobre os Lopes como povo “desatinado, feroso, água de ferver fora de panela” (Rosa, 1979, p. 84), sendo manipulado um contra o outro apenas através da dominação de seus sentimentos.

Para criar essa situação de ciúme, Flausina “sorria debruçada em janela, bico no beijo, negociável” (Rosa, 1979, p. 84) para seu pretendente Nicão, além de lhe ter “enviado os recados, embebidos em doçuras” (Rosa, 1979, p. 84). A mulher dominadora tinha certeza do poder que exercia sobre Nicão e Sertório, o que pode ser comprovado pelo excerto “Tanto na bramosia os dois tendo ciúme. Tinham de ter, autorizei” (Rosa, 1979, p. 84), que demonstra o controle que ela detinha da situação, dos dois homens e de sua própria competência. Flausina agora é uma mulher diferente do que já fora: virou dona de si. Seu controle sobre os homens não é mais promovido pela pureza e pela ingenuidade, mas pela malícia, que se torna sua maior arma.

---

<sup>2</sup> “A *mulher-sujeito* é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição; enquanto a *mulher-objeto* define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz” (Zolin, 2009, p. 219).

É dessa forma que Sorocabano Lopes a encontra. Mais engenhosa do que nunca, Flausina vê esse outro homem como apenas mais um de quem deveria se empoderar: “um, mais, porém, me sobrou” (Rosa, 1979, p. 84). Dessa vez, o olhar da protagonista já é de superioridade, devido às condições de Sorocabano: “velhoco” (idem, p. 84), “ele era o aflitinho dos consolos” (idem, p. 84), “para homem nessa idade inferior, é abotoar botão na casa errada” (idem, p. 84). A aceitação da aproximação desse novo Lopes também foi rápida – “Aceitei, de boa graça” (idem, p. 84) –, sendo ele o mais rico de todos e, provavelmente, o mais fácil do qual se livrar: “Por isso, andei quebrando metade da cabeça” (idem, p. 84).

A submissão ao companheiro, comum aos relacionamentos anteriores, já não é mais necessária. Agora é ela quem tem o comando, e não tem medo em demonstrar sua autoridade: “Eu impondo: – *‘De hoje por diante, só muito bem casada!’*” (idem, p. 84). A ingenuidade é esquecida para dar lugar a um relacionamento puramente sexual: “este, bem demais e melhor tratei, seu desejo efetuado” (idem, p. 84). A fervorosa relação sexual comandada por ela aliada às gordurosas comidas que ela preparava foram as responsáveis pela morte do marido: “dava a ele gordas, temperadas comidas, e sem descanso agradadas horas” (idem, p. 84).

Livre de Sorocabano, finalmente a protagonista alcança sua vingança: “Entanto que enfim, agora, desforrada” (idem, p. 85). Com todos os amantes afastados, inclusive os filhos: “Lopes, também, provi de dinheiro, para longe daqui viajarem gado” (idem, p. 85), ela está completamente livre e rica, com patente para comandar sua vida sem se preocupar com ninguém. Mesmo assim, não vive sozinha; encontra outro homem, a quem declara amar – “Amo, mesmo” (idem, p. 85) –, e, dessa vez, sem nenhuma cobiça, a não ser a vontade de ter “o bom-bocado que não fiz, quero gente sensível” (idem, p. 84), bem como “filhos, outros, modernos e acomodados” (idem, p. 85).

Sendo assim, a vingança e ambição por mais poder parecem ter se esgotado com o encontro desse novo amor: “Deixo de porfias, com o amor que achei” (idem, p. 85), ou seja, a vingança acaba quando ela encontra um homem inferior a ela, que não espera lhe tirar o controle. A diferença de idade – “Que podia ser mãe dele, menos me falem, sou de me constar em folhinhas e datas?” (idem, p. 85) – pode ser um dos fatores decisivos para o possível sucesso do relacionamento: mais jovem e, aparentemente, sem condições financeiras, o rapaz aparece apenas como provedor de amor, carinho, satisfação etc.: “Meu gosto agora é ser feliz, em uso, no sofrer e no regalo” (idem, p. 85).

Ser uma mulher madura namorando um rapaz muito mais novo é uma conduta muito adiantada para sua época. A postura de domínio da mulher sobre o homem jovem é a característica mais forte desse relacionamento. Essa atitude aparece no mandamento: “Que em meu corpo ele não mexa fácil” (idem, p. 85), deixando claro sua aversão por servir de novo como instrumento sexual para outro homem. Pelo contrário, agora o homem que parece servir Flausina: primeiro, pelas imposições ao sexo que ela determina; segundo, pelo desejo de novos filhos, que, agora, seriam por aspiração e benefício dela própria – “que, por bem de mim, *me* venham novos filhos” (idem, p. 85, grifo nosso) –, maximizado o interesse pessoal expresso pelo pronome possessivo destacado no trecho. Assim, o jovem é apresentado como antagônico ao modelo de homem até então predominante na narrativa, destacando que, agora, a figura masculina é que se mostra dependente e submissa ao poder feminino, servindo-lhe, inclusive, como objeto para satisfação

dos desejos femininos.

O sucesso dos planos de Flausina está ligado à sua inteligência de perceber, com clareza e julgamento, a posição que a mulher ocupava no sistema patriarcal vigente e, graças a isso, poder agir de acordo com os papéis que eram ditados por essa sociedade no sertão brasileiro da primeira metade do século XX. Interpretando esses comportamentos, ela jamais se mostrava superior aos homens, utilizando-se da condição e qualidades atribuídas às mulheres para realizar seus planos: em relação a Zé, a morte está relacionada à comida que era preparada por elas; quanto a Nicão e Sertório, ela utiliza os atributos da beleza e da sensualidade feminina, tão valorizados como prazeres para o masculino; e com Sorocabano, além da comida, explora o sexo. Todos estes sendo, como refletimos anteriormente, funções relacionadas às mulheres.

Vista como objeto por esses homens, é interessante perceber os espaços físicos que a mulher ocupava na casa, que representa a maneira como ela era vista e/ou se mostrava. Quando morava com Zé, o único espaço descrito por ela é o quarto: “Me levou para uma casa, para a cama dele” (Rosa, 1979, p. 82), “deitada é que eu achava o somenos do mundo, camisolas do demônio” (idem, p. 82), “estar noite inteira em canto de catre” (idem, p. 82), “eu ficava espremida mais pequena, na parede minha unha riscava rezas” (idem, p. 83), o que reforça o comportamento sexual e de aprisionamento dessa relação. Já ao se tratar de Sertório, os lugares descritos se alargam para a casa como um todo – “inda antes do sétimo dia já entrava por mim a dentro em casa” (idem, p. 84), “Nicão a casa rodeava” (idem, p. 84), “Na beira do meu terreiro” –, o que já demonstra um domínio maior da personagem nesse segundo relacionamento, extrapolando os limites do quarto e se estendendo pela casa inteira, inclusive à parte externa: o terreiro; além da janela – “Sorria debruçada em janela, no bico do beicho, negociável; justa” (idem, p. 84) –, local que servia como vitrine onde se exibia para Nicão. Já com Sorocabano Lopes, não é mencionado um local específico, demonstrando que não havia mais apenas um local que lhe competia, ela era totalmente livre para explorar os diferentes espaços.

É dessa maneira que Flausina conquista uma nova condição social. Aos poucos, com perspicácia e planejamento, ela consegue enganar os Lopes de forma que todos os bens deles sejam passados para seu nome e, em seguida, os homens eliminados, sem permitir desconfiança. A protagonista conhece o lugar de submissão do sexo feminino na sociedade e, ao invés de clamar por um reposicionamento, conserva-se na periferia para estabelecer a inversão de papéis que a levará para o centro.

Com relação ao segundo conto de nossa análise, “Uma Rosa para Emily”, percebemos que ele oferece uma proposta diferente do conto do autor brasileiro. Nele, a personagem principal, Emily, inicia sua trajetória com poder aquisitivo alto, quando seu pai ainda era vivo e sua família era prestigiada. Sua personalidade é retratada, inicialmente, como de uma mulher frágil, mas, no decorrer da história, é-lhe construída uma máscara que a faz aparentar ser forte e dura. Graças à sua poderosa representatividade e a seu atributo de monumento da cidade, ainda que em uma sociedade patriarcal, ela consegue consolidar-se como figura respeitada e estimada na cidade de Jefferson. Por outro lado, por trás dessa aparência rígida, esconde-se uma face de interioridade fraca, que se mostra inteiramente dependente do masculino.

A primeira figura masculina forte na vida de Emily é seu pai. Na história, o nome dele não é revelado. As informações que nos são oferecidas desse homem demonstram

firmeza e severidade: “Lembrávamos de todos os moços que seu pai afastara” (Faulkner, 1957, p. 213). Dessa forma, ele tinha autoridade muito forte em relação a ela, protegendo-a a tal ponto que morreu sem considerar nenhum homem bom o bastante para a filha. Com a morte do pai, o lado frágil da protagonista nos é apresentado:

No dia seguinte à morte do velho, as senhoras da cidade preparavam-se para ir à sua casa, apresentar-lhe os pêsames, conforme o costume. Miss Emily recebeu-as no limiar da porta, vestida como nos outros dias, e sem a menor marca de tristeza ou sofrimento na expressão. Disse-lhes que o pai não tinha morrido. Repetiu essas palavras durante três dias, quando os pastôres e os médicos iam vê-la, tentando persuadí-la a deixar dispor o cadáver. Mas, no momento em que estavam resolvidos a recorrer à Lei e à força, ela cedeu, e enterraram-lhe o pai a tóda pressa (Faulkner, 1957, p. 213).

Essa fragilidade se apresenta graças à impossibilidade de Emily viver sem um homem a quem se apoie. No momento após a morte do pai, Emily se viu sozinha: além de órfã, não tinha nenhum pretendente que pudesse servir como novo alicerce para sua vida, já que todos tinham sido afugentados.

Foi nesse tempo que Coronel Sartóris, que comandava a cidade na época, a isentou de todos os impostos por consideração à morte do seu pai. Para isso, “inventara uma complicada história de um empréstimo em dinheiro, feito pelo pai de Miss Emily à cidade e que a cidade, por conveniência própria, preferia reembolsar dessa maneira” (Faulkner, 1957, p. 209). Essa decisão é duramente criticada pelos moradores da cidade de Jefferson, que consideram que “só um homem com as ideias do Coronel Sartóris poderia ter imaginado semelhante coisa” (idem, p. 209-210). Esse comentário revela a mentalidade machista da sociedade da época, que julgava as mulheres como inferiores intelectualmente em relação aos homens, motivo que levaria Emily a acreditar no argumento criado pelo coronel.

Outros preconceitos relacionados à mulher são revelados durante toda a narrativa, como quando “algumas senhoras começaram a declarar que aquilo era uma vergonha para a cidade e um mau exemplo para a gente môça” (idem, p. 215), referindo-se aos encontros e passeios de Emily com Homer Barron pela cidade. Esse julgamento torna-se mais forte ainda quando relacionado aos fatores sociais que distanciavam o casal, principalmente por ele ser um ianque e mestre de obras: “uma Grierson tomará a sério um nortista, um assalariado” (idem, p. 214), “nem mesmo o desgosto deveria fazer que uma verdadeira senhora se esquecesse de que ‘noblesse oblige’. (Sem no entanto, empregar essa expressão: Noblesse oblige)” (idem, p. 214). Mais um fator que influenciava para a denúncia desse relacionamento eram as desconfianças sobre a sexualidade de Homer Barron, o que não fica explicitado no enredo, mas é demonstrado através de sugestões feitas pelas fofocas das mulheres da cidade – “Homer observava – gostava da companhia dos homens e sabia-se que bebia com os rapazes no Elks’s Club – que não era feito para casamento” (idem, p. 215).

Além disso, outro ajuizamento demonstrado nos comentários femininos é que o espaço doméstico cabe somente a elas: “– Como se um homem – seja quem for! – pudesse conservar limpa uma cozinha! – diziam as mulheres” (idem, p. 211). Esse trecho merece destaque por demonstrar que o raciocínio machista da época também estava embutido

nos discursos femininos, que, mesmo vítimas de um sistema social patriarcal e misógino, aceitavam sua condição como correta, concordando com ela e alimentando esse entendimento, como pode ser notado pelo julgamento que é feito quando Emily quebra alguns desses paradigmas.

É a personalidade de Emily que a torna uma personagem muito forte na cidade. Contrariando o estereótipo feminino da época, Emily se impõe sobre a conduta esperada pelas senhoras da sociedade e sobre as regras que os homens tentam aplicar. O melhor exemplo disso é o relacionamento com Homer Barron, que, mesmo com os julgamentos de toda a cidade, ela insiste em manter:

Ela, porém, erguia a cabeça bem alto, mesmo quando pensávamos que tinha decaído. Parecia, mais do que nunca, exigir que se reconhecesse sua dignidade de última dos Grierson, como se fôsse necessário aquele toque de vulgaridade terrestre para acentuar mais profundamente a sua impenetrabilidade (Faulkner, 1957, p. 214).

A postura da protagonista é uma de suas maiores características, sendo repetida novamente em outra situação: “Miss Emily de cabeça erguida” (Faulkner, 1957, p. 215).

Essa conduta é o resultado do amadurecimento da protagonista, principalmente após a morte do pai, já que “só lhe tinha ficado a casa de herança [...]. Sòzinha e na pobreza, iria humanizar-se. Agora, ela também conheceria a velha satisfação e o velho desespero de um vintém a mais ou de um vintém a menos” (idem, p. 213). O nome da família também garantia a ela status e respeito, como mostrado várias vezes no decorrer do conto:

Fizeram o entêrro no segundo dia. *A cidade em pêsso compareceu para ver Miss Emily* coberta por um montão de flores compradas (Faulkner, 1957, p. 218).

Quando Miss Emily Grierson morreu, tôda a nossa cidade compareceu ao entêrro: os homens em atenção a essa espécie de carinho respeitoso que se tem por um monumento tombado; as mulheres movidas pela curiosidade de ver o interior de sua casa (idem, p. 209).

*Emily tinha ido juntar-se aos representantes daqueles nomes augustos*, no cemitério adormecido sob os cedros, onde jaziam entre os túmulos enfileirados e anônimos dos soldados da União e dos Confederados mortos no campo de batalha de Jefferson (idem, p. 209).

Viva, *Miss Emily fôra uma tradição* (idem, p. 209).

“Eu seria a última pessoa neste mundo capaz de incomodar Miss Emily” (idem, 212).

Levantaram-se à sua entrada (idem, p. 210).

Muitas vezes, no entanto, esse respeito confundia-se com medo. Por ser tratada como tradição da cidade, o receio de incomodar ou chatear de alguma forma a senhora Grierson se mostra presente em algumas partes da narrativa:



Conservou-se, apenas, em pé no limiar da sala, e esperou tranquilamente que *o porta-voz se interrompesse, balbuciando* (idem, p. 211, grifos nossos).

Miss Emily limitou-se a fitá-lo com a cabeça pendida para melhor fixar os olhos no dêle, até forçá-lo a desviar e a ir buscar o arsênico (idem, p. 215).

Esse temor implicava, quase sempre, obediência. Sua figura de imponência lhe dava esse caráter de soberania, que era revelada quando Emily impunha sua voz ou seu discurso ao discurso do outro, que não tinha a ousadia de combatê-la:

O farmacêutico citou alguns:

– Matariam até um elefante. Mas o que a senhora quer é...

– Arsênico – disse ela. – É bom?

– É... arsênico? Pois sim, senhora. Mas o que a senhora quer é...

– Eu quero arsênico. (idem, p. 216).

– Sim, recebi um papel – disse Miss Emily. – Talvez ele se considere realmente o delegado... Não tenho impostos a pagar em Jefferson.

– Mas não há, nos livros, nada que o possa provar. Veja a senhora... É preciso que nós...

– Procurem o Coronel Sartóris. Não tenho impostos a pagar em Jefferson.

– Mas, Miss Emily...

– Procurem o Coronel Sartóris. (Havia quase dez anos que o Coronel Sartóris estava morto). Não tenho impostos a pagar em Jefferson. Tobe! – O negro apareceu. – Acompanha estes cavalheiros. (idem, p. 211).

Nesse último trecho, a mulher desafia a autoridade do xerife e do Conselho Municipal, que comandavam a cidade.

Uma das particularidades mais interessantes do conto não está explícita no texto. Como já foi demonstrado diversas vezes pelo narrador, quem detinha o poder político e social na cidade eram os homens. Porém, todas as observações, julgamentos, protestos e comentários são feitos por mulheres. São elas que movimentam as ações e a opinião da cidade por trás das ações dos homens. Essa característica é mostrada de forma velada no excerto: “Os homens não ousaram interferir, mas, finalmente, as mulheres forçaram o pastor batista – a gente de Miss Emily era episcopal – a ir procurá-la” (Faulkner, 2004, p. 487).

A partir dessa observação, é possível perceber outras atuações femininas importantes no enredo, como os comentários que proporcionam expectativa sobre as ações que a protagonista irá tomar, contrariando ou não o que a sociedade esperava:

Naturalmente, nunca uma Grierson tomará a sério um nortista, um assalariado (Faulkner, 1957, p. 214).

Mas havia outras pessoas, as velhas, que achavam que nem mesmo o desgosto deveria fazer que uma verdadeira senhora se esquecesse de que 'noblesse oblige'. (Sem no entanto, empregar essa expressão: Noblesse oblige). Diziam, apenas: "Pobre Emily. Os parentes deviam procurá-la" (idem, p. 214).

As opiniões femininas foram as responsáveis por fazer com que os homens da cidade se posicionassem contra a Senhora Grierson, como quando o cheiro forte começou, por exemplo: "ora, que ela pare com isso – disse a mulher. – Não existe lei?" (Faulkner, 1957, p. 212). Além desse episódio, outro importante fato também foi condicionado por uma mulher: "a mulher do ministro escreveu aos parentes de Miss Emily, em Alabama" (idem, p. 215), o que fez com que as primas da personagem viessem passar algum tempo em sua casa.

Sendo personalidade pública, a vida da senhora Grierson era alvo de fofoca e intromissão por parte da população de Jefferson. Sendo sua vida vista como um grande espetáculo, cria-se em torno de Emily grande curiosidade sobre aspectos privados de sua vida, como o interior da sua casa, por exemplo. Essa intriga é mostrada algumas vezes na narrativa, já que por muito tempo a casa tinha se mantido trancada: "A porta fechou-se sobre a última aluna e ficou fechada desde então" (idem, p. 217); "Algumas senhoras tiveram a temeridade de ir visitá-la, mas não foram recebidas" (idem, p. 211).

Por esse motivo, a vida de Emily despertava curiosidade tanto das mulheres quanto dos homens, mas em aspectos diferentes. O sentimento dos homens estava relacionado a uma "espécie de carinho respeitoso que se tem por um monumento tombado; as mulheres movidas pela curiosidade de ver o interior de sua casa. (idem, p. 209). Sendo assim, atribui-se utilidade à curiosidade dos homens, já que seu interesse está ligado ao valor histórico da morte daquela que era um monumento da cidade. Já para as mulheres, seu interesse relaciona-se, sobretudo, a conhecer o interior da casa, tornando-se motivo frívolo se comparado ao do homem. Com isso, mais uma vez, a competência intelectual feminina é inferiorizada.

Através do estudo de ambas as obras, é possível perceber muitas relações entre elas por meio da perspectiva feminista. Nessa leitura, percebemos que há momentos em que as narrativas ora se aproximam, ora se afastam. Isso porque mesmo se tratando de protagonistas mulheres, vivendo numa sociedade regida pelos homens, as duas, de formas diferentes, criam máscaras para que possam agir por conta própria, construindo seus destinos através de ações manipuladas e camufladas, utilizando-se das armas que possuem para alcançarem seus objetivos de felicidade.

De início, os títulos dos contos são apontadores importantes de diferenciação entre eles. Em "Esses Lopes", graças ao emprego do pronome demonstrativo "esses", uma proximidade do emissor com os Lopes é sugerida, sendo que, ao mesmo tempo, é denotado repúdio. Percebe-se, ainda, que os sujeitos em destaque são os Lopes, e não Flausina, que é o emissor dessa frase – "Esses Lopes! – com eles, nenhum capim, nenhum leite"

(Rosa, 1979, p. 82). Já em “A Rose for Emily”, o título demonstra o respeito que as pessoas da cidade sentem por ela, explicitado pelo gesto de cada cidadão da cidade de Jefferson dedicar uma (e somente uma) rosa para Emily, que, devido à sua popularidade, acaba por se tornar um montante de flores, revelado no excerto: “A cidade em pêsco compareceu para ver Miss Emily coberta por um montão de flores compradas” (Faulkner, 1957, p. 218). Além disso, é importante perceber que o discurso é direcionado abertamente a Emily. Compreendemos, com isso, que Flausina não recebe referência porque, mesmo ascendendo socialmente, não tem sua força reconhecida, já que seu sucesso está atrelado à figura dos homens com quem se relacionava, e sua elevação social ocorre de forma escondida. Já Emily é reconhecida pela cidade, e, ainda que o assassinato de seu namorado tenha sido descoberto, isso não tira o prestígio que ela tinha, pelo contrário, isso a torna ainda mais popular.

Essas informações são fundamentais para compreendermos, também, a forma narrativa dos contos. No primeiro, Flausina é quem comanda a narração, assim como manipulava as situações e relacionamentos. Já Emily não tem nenhum controle sobre a narrativa, sendo sua história contada por outras vozes, o que tem relação direta com a vida de passividade que toma para si quando não consegue viver sem uma figura masculina como apoio.

A gênese das relações com esses homens é uma das maiores distinções entre as duas personagens, o que tem motivação estreita com seus anseios. Flausina deseja riqueza, vingança – segundo ela –, por isso seus relacionamentos são escolhidos segundo o poder financeiro dos parceiros, já que os Lopes eram os mais ricos da região. Mesmo o primeiro relacionamento parecendo acontecer graças à inocência da moça, desde então ela já falava em obter posição social melhor. Já Emily procura satisfazer sua necessidade por uma presença masculina, que antes era ocupada pela figura paterna. O único homem que se envolve com ela é Homer Barron, ianque que não era da cidade e, por isso, não tivera problema com o pai de Emily, que espantava todos os pretendentes.

Dessa forma, a busca de Emily tem motivação sentimental, enquanto que a de Flausina apoia-se no desejo de obtenção de riqueza. Isso se reflete também nas ações dessas mulheres para capturar suas presas, sendo que a última age de forma muito mais esquematizada que a primeira, já que, por vezes, arquiteta a forma como irá conquistar cada um dos Lopes e executa esses planos utilizando-se de seus atributos: beleza e inocência, a princípio, e sedução, posteriormente. Ainda que não seja explicitado como Emily e Homer se aproximam, esse encontro parece acontecer naturalmente e sem maldade, já que a moça tinha perdido seu pai há pouco tempo, e foi esse contato que lhe deu nova alegria.

Além disso, as condições de vida de cada uma antes dos assassinatos também é um fator que as afasta. Flausina vivia em estado de desconforto na casa dos pais, o que pode ser explicado como uma possível situação de pobreza ou desprestígio social. Por esse motivo, aceita casamento com Zé quando ainda se julgava inocente, imaginando uma vida melhor estando casada. Porém, não é isso que consegue, pois o homem a mantinha como objeto sexual. Já Emily se vê sozinha depois da morte do pai e sem nenhuma esperança de relacionamento com algum homem da cidade. Essas são as situações que despertam o desejo em ambas de agir por si próprias, construindo seus próprios futuros e tomando as rédeas das suas situações.

Para isso, as protagonistas se utilizam de máscaras para que possam agir sem que sejam oprimidas ou impedidas, já que essas mulheres vivem em uma época de repressão muito forte quanto a seus direitos e seu posicionamento na sociedade. A máscara que Flausina usa é criada por ela mesma, e mostra uma mulher respeitando a posição de submissão imposta a ela, tornando-se boa dona de casa, cozinhando para o marido, cuidando dos filhos, proporcionando-lhe prazer sexual etc., enquanto arquiteta os seus planos de enriquecimento e prepara a morte dos companheiros. Já Emily utiliza-se da máscara criada pela sociedade de Jefferson, que a coloca como monumento da cidade, respeitando-a e, por diversas vezes, temendo-a. Essa posição lhe confere a obediência dos demais e, mesmo estando rodeada de pessoas que observam sua vida, ela permanece afastada, preservando-se de contato e de qualquer forma de intimidade com os outros munícipes. Essa relação de afastamento e respeito lhe dá a possibilidade de atuar sem ser questionada e investigada.

É graças a essa imunidade que essas mulheres conseguem arquitetar os seus planos. Flausina faz dos seus atributos femininos e das tarefas tipicamente femininas da época armas para atingir seus objetivos. Isso porque a morte do primeiro, Zé Lopes, está ligada à tarefa de dona de casa, como fazer a comida, quando ela pôs as sementes que envenenaram o homem; Nicão e Sertório foram vítimas do charme da mulher, sendo a sedução o grande causador do duelo que levou os homens à morte; e o terceiro, Sorocabano, morreu graças à comida e ao sexo excessivo, promovidos por ela. Assim, Flausina não tenta se rebelar contra o sistema patriarcal; pelo contrário, utiliza-se dele para mostrar-se superior a esses homens e cambiar da posição periférica em que vivia para a central. Quanto a Emily, não nos é mostrado exatamente como ela executou o crime, sendo-nos apresentada apenas a passagem em que ela compra arsênico, o que sugere morte também por intoxicação. Ao contrário de Flausina, Emily não tem o cuidado de discrição quanto à aquisição do veneno, pois compra o produto à luz do dia e, em pouco tempo, toda a cidade toma conhecimento e pensa que ela o usará para cometer suicídio. Isso se deve ao fato de ela, como já comentamos anteriormente, ser um ser superior na cidade de Jefferson.

Todos os assassinatos são bem executados. Dentre os cometidos por Flausina, o único que poderia lhe acarretar alguma acusação era o envenenamento, caso fosse detectado e ela descoberta, o que não acontece por se tratarem de ervas que não deixaram evidências por serem produtos naturais, cujos efeitos possivelmente não eram de conhecimento comum. Os demais homicídios são ainda mais discretos, pois não exigem da moça muito esforço. Podemos notar nos três casos que a maneira que ela encontra para aniquilar os homens é cada vez mais cuidadosa; por isso, Flausina se livra de qualquer desconfiança até o momento em que narra sua história. Já Emily, mesmo não escondendo tão bem a morte de seu pretendente – que poderia ser indicada pelo sumiço do homem, pela compra do veneno, pelo cheiro forte e pela suspensão da entrada de qualquer pessoa na casa, bem como pela falta de aparição em público etc. – não é descoberta a princípio, pois o medo e o respeito das pessoas da cidade a imunizavam contra qualquer repreensão. O homicídio só vem à tona quando ela morre e não pode mais defender sua casa, livrando-se, assim, de pagar pelo crime cometido.

O status financeiro e social das duas assassinas também é um fator fundamental para o desenrolar de suas histórias. Flausina inicia sua trajetória como uma moça simples e pobre, sendo o enriquecimento um dos motivos que a levam a traçar sua trajetória de

assassinatos. No decorrer da narrativa, ela vai adquirindo dinheiro proveniente dos casos com os Lopes e, no final, ela aparece como mulher poderosa e independente, sendo portadora dos patrimônios daqueles que foram os homens mais ricos da região. No caminho contrário, Emily, a princípio, tem uma posição social elevada, e, com a morte do pai, ela entra em decadência financeira, o que a faz ter que trabalhar como professora de pintura. No final do conto, Emily possuía apenas uma casa velha e empoeirada e um negro que a servia, permanecendo intacta apenas sua imagem de monumento da cidade.

Outro ponto de oposição na trajetória das duas protagonistas é a relação delas com os homens após os assassinatos, o que se confunde com as motivações para matá-los. Flausina deseja se libertar daqueles parceiros, e para isso, após vingar-se, toma para si suas posses e lhes tira a vida, livrando-se deles. Assim, esses relacionamentos estavam destinados primeiro ao envolvimento íntimo e depois à conquista da nova liberdade. Por outro lado, Emily se vê forçada a matar o ianque como única forma de ter uma companhia masculina pelo resto da vida. Dessa forma, não deseja se livrar dele, e sim, permanecer com o homem, mesmo que esteja morto. Como o texto de Faulkner aponta para uma possível homossexualidade de Homer, ele já havia metaforicamente morrido sexualmente para Emily. Por isso, frisamos que ela deseja dele apenas a companhia.

Em ambos os casos, os passos das duas protagonistas referem-se a conquistas significativas para a vida dessas mulheres. Mesmo sendo com a liberdade em relação aos homens ou com a necessidade da companhia de alguém, ambas conseguem atingir seus objetivos de forma insuspeita, e isso ocorre graças ao bom planejamento e execução dos crimes cometidos. Isso só ocorre porque as duas tinham conhecimento da sociedade em que viviam e se aproveitaram das posições que ocupavam para fazer delas as armas que as ajudariam em seus planos. A esperteza das assassinas fez com que elas burlassem o sistema Patriarcal em que estavam envoltas para se afirmarem como seres independentes e, através das próprias ações, conseguirem um reposicionamento social diferente do que historicamente lhes foi conferido.

## Referências

Bonnici, T. *Teoria e Crítica Literária Feminista*. Maringá: EDUEM, 1997.

Faria, Gentil de. "O tema da mulher fatal na literatura", in: *Anais do XXI SENAPULLI*. Maringá, 1989, p. 223-259.

Faulkner, W. "Uma rosa para Emily", in: Riedel, N. (org.) *Maravilhas do conto norte-americano*. São Paulo: Cultrix, 1957.

Rosa, J. G. *Tutaméia: terceiras estórias*. 5 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

Zolin, L. O. "Crítica Feminista", in: Bonnici, Thomas & Zolin, Osana (org.). *Teoria Literária: abordagens histórias e tendências contemporâneas*. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: EDUEM, 2009, p. 217-242.

**Artigo recebido em 18/09/2016; aceito para publicação em 24/10/2016**

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma análise comparativa das personagens Flausina e Emily, que protagonizam, respectivamente, os contos “Esses Lopes” e “Uma rosa para Emily”. O foco de nosso estudo se apoia na crítica feminista, principalmente no estudo de Zolin (2004). Através da análise individual e comparativa dos contos, atentaremos para a forma como essas mulheres são apresentadas, suas relações com o masculino e o processo de empoderamento construído por elas. A partir do velamento de suas ações, as protagonistas conseguem burlar o sistema patriarcal, adotando uma conduta social diferente da esperada pela sociedade da época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação do feminino; Crítica feminista; Conto moderno.

**ABSTRACT:** This paper presents a comparative analysis of the protagonists Flausina and Emily, from the short-stories “Esses Lopes” and “A rose for Emily”, respectively. To achieve that aim, we focused on the feminist critique, especially in Zolin’s study (2009). Through the individual and comparative analysis of the short-stories, we considered the way these women were presented, their relationships with the males and also the process of empowerment fulfilled by them. We realized that, by masking their actions, the protagonists could deceive the patriarchal system, adopting a social behavior different from that expected by the society of those times.

**KEYWORDS:** Female representation; feminist criticism; modern short-story